

Ensino a distância: sujeitos na rede

Novas Tecnologias de Informação e Comunicação

Cláudia Regina Benedetti¹

Marilda Franco M. Vasconcelos²

RESUMO: A rede eletrônica oferece possibilidades múltiplas para os sujeitos que mergulham nesse oceano de informação, que se embrenham em seu emaranhado de nós e transpassam seus buracos labirínticos. Sua materialidade permite uma nova relação tempo-espaco dada pela velocidade com que faz circular os sentidos em sua infovias. Essa materialidade, ou melhor, essa fisicalidade dispersa, fragmentada, líquida, faz surgir também novos sujeitos e novos discursos. Por isso, para pensar essa rede virtual e os sujeitos e discursos que nela se constroem, a pesquisa fundamenta-se na teoria do discurso de origem francesa, tendo como ferramenta principal o ensino a distância e a *internet*, com o objetivo de discutir como a relação professor-aluno constrói também novos sentidos. Sentidos esses que não estão livres “do já dito” por uma rede de filiações que estão colocadas sobre o que é ser aluno e o que é ser professor, assim como sobre o que é o ensino a distância? Questões essas que ultrapassam as fronteiras nacionais e se fazem presentes em um fazer pedagógico mundializado.

PALAVRAS-CHAVE: educação a distância, ensino aprendizagem, teoria do discurso.

INTRODUÇÃO

A rede eletrônica oferece possibilidades múltiplas para os sujeitos que mergulham nesse oceano de informação, que se embrenham em seu emaranhado de nós e transpassam seus buracos labirínticos. Sua materialidade nos permite uma nova relação tempo-espaco dada pela velocidade com que faz circular os sentidos em sua infovias, essa materialidade, ou

¹ Prof^a. Ms. do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Interativa COC – UIC; 14096-160; Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. cr-benedetti@uol.com.br.

² Prof^a. Dra. e Coordenadora do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Interativa COC – UIC; 14096-160; Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. marildafm@coc.com.br; marildafmv@terra.com.br.

melhor, essa fisicalidade dispersa, fragmentada, líquida, faz surgir também novos sujeitos e novos discursos. Por isso, para pensarmos essa rede virtual e os sujeitos e discursos que nela se constroem, estaremos ancorados na teoria do discurso de origem francesa.

Nossa página inicial, tema do trabalho que se segue, é o ensino a distância que usa como principal ferramenta a *internet*. Essa nova fisicalidade na relação professor-aluno, constrói também novos sentidos, porém esses não estão livres dos sentidos já dados - do já dito - por uma rede de filiações que estão colocadas sobre o que é ser aluno e o que é ser professor, assim como sobre o que é o ensino a distância, modalidade que também já conhece uma historicidade e possui sentidos constituídos antes de se apropriar desse novo suporte - a *internet*.

Segundo um discurso já consolidado pelas instituições de ensino e pelo aparelho educacional do Estado, o ensino a distância (EAD) foi criado com o objetivo de desenvolver o processo de ensino e aprendizagem por meio do uso das tecnologias da informação e, assim, fornecer um aprendizado de qualidade para aquelas pessoas que não teriam acesso a educação tradicional. Segundo Amorim (1998, p.42-45), a tecnologia tem sido apontada como via evidenciadora e possibilitadora de uma mudança educacional. Consiste também no fato de que qualquer interessado em um assunto tem a chance de obter conhecimento do mesmo autonomamente. Baseado nisso, as idéias que dão suporte ao EAD começaram a surgir e foram rapidamente testadas, absorvidas e desenvolveram-se como nova ferramenta para a educação.

A principal justificativa para essa nova forma de ensino foi a de suprir as necessidades daquelas pessoas que não se adequavam ao ensino tradicional, porque estavam muito distantes geograficamente da instituição de ensino, ou porque não possuíam horários compatíveis com o da instituição, ou mesmo para aqueles que não precisam necessariamente estar em salas de aula para que possam desenvolver o que acham necessário para sua formação pessoal ou profissional.

É claro que inicialmente o processo de aprendizagem foi recíproco e tanto os usuários deste sistema quando aqueles que o criaram puderam trocar muitas informações e com isso aprender e aperfeiçoar o sistema.

1. EAD: A FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICA DE UMA NOVA RELAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1.1 O início do EAD no Reino Unido

A idéia inicial começou por volta de 1926, na Inglaterra, quando o educador e historiador J C Stobart, enquanto trabalhava na rádio BBC, apresentou um projeto que explicava como funcionaria uma “universidade sem fio” (uma universidade que não necessitaria de um “fio” ligando o aluno a instituição, onde não fossem necessárias aulas presenciais). Inicialmente, tal projeto consistia em transmitir informações sobre um assunto e permitir que assim, os ouvintes pudessem adquirir conhecimento sem depender do sistema tradicional de educação da época.

Depois disso, a idéia foi sendo estudada e desenvolvida até os anos 60, quando vários projetos envolvendo o assunto começaram a surgir e a serem aplicados momento em que o nome “teleuniversidade” foi primeiramente usado. Em resumo, os projetos sistematizavam que aulas transmitidas pela TV seriam acompanhadas de textos enviados por correspondência e eventuais visitas por parte dos alunos a pontos pré-determinados para que sua educação pudesse receber um maior respaldo. Este respaldo seria dado por um tutor que faria o auxílio ao aluno pessoalmente.

Foi também na década de sessenta que o conceito de “multimídia” foi usado para educação. O uso de som e imagem começa a ser entendido como uma nova forma auxiliadora da educação. O processo consistia em organizar os tópicos a serem estudados pelos alunos, fornecer material que desse base para o acompanhamento das aulas transmitidas e também suporte presencial esporádico, através de um encontro com um tutor.

No início, os assuntos eram relacionados a textos que podiam ser entendidos por meio da leitura de uma referida literatura ou artigos relacionados ao tema e então o aluno relatava o aprendizado ao tutor através de uma produção escrita. Os encontros presenciais eram recomendados para que houvesse contato humano e para permitir que o tutor desse uma atenção individualizada.

Este método ou a combinação destes métodos foi testada de diversas formas no Reino Unido desde a apresentação do projeto por J C Stobart. Dentre as diversas ferramentas que foram usadas para agregar experiência no uso do sistema de EAD, vimos que os correios, o rádio e mais tarde a televisão foram avanços tecnológicos que funcionaram como facilitadores para que este novo sistema de educação pudesse obter sucesso. Veremos mais adiante que a administração deste sistema de educação por uma instituição acadêmica e a popularização do computador puderam contribuir bastante para a transformação do EAD.

1.2 A criação da “Open University”: novas ferramentas, novas possibilidades de interlocução

Foi em 1983 que a Europa viu nascer a “Open University Business School” (OU), cujo imediato sucesso fez com que se tornasse a maior escola voltada a negócios através do sistema de EAD. Ainda na mesma década, a OU expandiu seu atendimento a outros países europeus como a Bélgica e nos anos seguintes pode atrair mais de 10.000 cidadãos europeus fora do Reino Unido. A OU possuía escritórios espalhados por vários lugares que serviriam como pontos de apoio ao estudante.

Novos métodos de ensino também foram criados com o início da popularização do computador. O novo mecanismo de transferência de informações passou a ser o uso de um misto de multimídias. Nesse mesmo período, cursos de pós-graduação começaram a ser oferecidos e houve outro boom de novos alunos. Atualmente 20.000 alunos se submetem à cursos de pós-graduação a distância, número maior do que outras universidades inglesas possuem de alunos tradicionais.

O sucesso do EAD no Reino Unido se deve ao rápido desenvolvimento da tecnologia e a grande integração de novas mídias de comunicação que foram incorporados aos cursos universitários e que puderam preencher as necessidades dos alunos. No início, o uso de transmissões pela BBC e o envio de fitas de vídeo, material impresso pelo correio, com a assistência que os alunos recebiam por meio de encontros com seus tutores em pontos espalhados por todo o país deu ao EAD a praticidade e confiabilidade que o sistema precisava para começar a ser usado por outras instituições, além da OU, e convencer muitos duvidosos da eficácia de tal sistema.

O sucesso que este sistema de ensino possui está vinculado ao processo histórico que possuiu e, conseqüentemente, à aceitação a qual se submeteu durante os períodos iniciais de sua prática. O EAD é hoje usado em grande parte por outros países e, no Brasil, o caminho percorrido também foi importante para seu sucesso.

Sucesso esse garantido por sua potência mercantil, o que fica apagado no discurso sobre o ensino a distância é o entendimento da educação como mercadoria e dos educandos como consumidores. O ensino a distância permite transpor as barreiras do tempo e do espaço e fazer o capital circular mais livremente, as paredes da sala de aula são agora os quatro cantos da tela do computador.

1.3 O EAD surge no Brasil

No Brasil, o caminho que o EAD tomou teve suas similaridades com aquele do Europeu. Na década de trinta, o sistema de correios no país ainda era precário e pouco se podia confiar no recebimento de informações. Ainda havia pouco incentivo por parte das autoridades do sistema educacional da época. Porém, depois de um período de adaptação, o EAD começou a ser transmitido pelo rádio e foi bem sucedido já que a audiência era grande.

Em 1939, um projeto chamado “Rádio-Monitor” foi desenvolvido. Lições sobre um certo assunto, seguindo um roteiro planejado para o rádio, eram transmitidas todos os dias em horários pré-determinados e possuíam um público fiel, já que muitas cartas chegavam todos os dias. Nesse projeto, os professores, como eram chamados, tinham por responsabilidade ler e dar dicas que pudessem guiar os ouvintes na aprendizagem do assunto proposto. Não havia muita disponibilidade de material, portanto cabia ao aluno-ouvinte procurar material que lhe desse suporte para conhecer um assunto e para isso seguia as recomendações do professor.

Na década de sessenta, novos objetivos foram estabelecidos para o EAD. Dentre eles levar a educação a distantes regiões do Brasil. Para aquelas pessoas que não tinham acesso as instituições de ensino por conta da distância geográfica, o objetivo educacional era proporcionar aos cidadãos participantes conhecimento prático para ser aplicado a uma profissão. Muitos deles já deveriam desenvolver esta ou aquela atividade, mas o que lhes faltaria seria conhecimento teórico, para que pudessem aprimorar seu trabalho. E isso requeria que a pessoa tivesse um conhecimento básico do assunto, desejo de aprender e algumas horas livres. O que faltava era a disponibilização de uma ferramenta que pudesse facilitar o desenvolvimento deste projeto.

Com a popularização da TV, a transmissão de cursos se tornou mais eficaz com sessões pré-gravadas e aquelas ao vivo. O mais conhecido sistema de ensino pela televisão, criado na década de setenta, foi o Telecurso Primeiro e Segundo Grau, realizado pela fundação Roberto Marinho. O principal objetivo deste programa era oferecer educação informal através do EAD e dar às pessoas a oportunidade de terminarem o aprendizado de conceitos básicos relacionados a assuntos como matemática, português, e ciências.

Essa forma de EAD, ainda em uso, permite a sua audiência seguir as teleaulas em horários mais flexíveis. O uso de material é opcional, mas o telecurso sugere uma literatura ou permite que os alunos comprem apostilas preparadas especialmente para o assunto abordado.

O equipamento usado se resume a televisão e o método é unidirecional, ou seja, o professor ou tutor não pode acompanhar o progresso do aluno e este não pode participar seu

conhecimento ou conclusões com mais ninguém. O aluno está por sua conta no que se refere a administrar seus estudos.

Outra forma de EAD é o Instituto Universal Brasileiro que consiste no oferecimento de cursos que visam desenvolver as habilidades práticas dos alunos nas áreas de humanas e exatas. A habilidade que se deseja desenvolver geralmente é aquela que melhor se encaixa na profissão que o aluno já possui.

O sistema se baseia em apostilas que são enviados por correio, e contêm textos com base teórica sobre o assunto e exercícios práticos nos quais os alunos podem acompanhar seu próprio progresso. Após completar o estudo de um assunto, o que leva geralmente de 3 a 12 meses, o aluno se submete a um teste que pode também ser feito a distância, ou seja, em casa, e caso tenha sucesso, o aluno recebe um certificado da instituição. Técnicos em aparelhos domésticos, costureiras e muitas secretárias podem adquirir mais conhecimento teórico e prático em suas áreas, apenas se dedicando a cursos como este.

1.4 O EAD e os usuários da *internet*

Ao final da década de 80, o computador e, conseqüentemente, a *internet* marcaram uma nova maneira de se enviar e receber informações, e isso pode ser visto também na educação a distância.

Aretio (*abud* Landin, 1994, p. 30), define a educação a distância como:

Sistema tecnológico de comunicação bidirecional, que pode ser massivo e que substitui a interação pessoal, na sala de aula, de professor e aluno, como meio preferencial de ensino, pela ação sistemática e conjunta de diversos recursos didáticos e pelo apoio de uma organização e tutoria que propiciam a aprendizagem independente e flexível dos alunos.

Do ponto de vista operacional, a educação a distância se faz presente pela existência da Tecnologia Educacional, que na visão de Litwin (apud Maggio, 1993, p.13) é:

Entendida como corpo de conhecimento que, baseando-se em disciplinas científicas encaminhadas para as práticas do ensino, incorpora todos os meios a seu alcance e responde à realização de fins nos contextos sócio-históricos que lhe conferem significação. Preocupa-se com as práticas do ensino no seio das práticas sociais globais, mas incluindo o exame da teoria da comunicação e dos novos desenvolvimentos tecnológicos de ponta.

O acesso a esta tecnologia permite que as pessoas possam organizar, produzir e armazenar informações de uma maneira muito mais eficiente. Tal tecnologia também permitiria uma maior interação entre o aluno e o professor no sistema EAD. A comunicação se tornou mais dinâmica e mais rápida, fazendo com que as distâncias fossem menores e superassem os obstáculos geográficos. Foi neste período que se iniciam as idéias em torno do

uso de computadores como auxiliares da educação. No decorrer dos anos 80 e por toda a década de 90 vê-se que aos poucos, o uso de computadores ligados a *internet* se torna comum nas universidades, escolas privadas e também em algumas escolas da rede pública.

Com a *internet*, termos como *sociedade da informação* começaram a ser usados, pressupondo, ou pelo menos construindo esse sentido, que o novo meio pudesse fazer toda a sociedade ter acesso à informação e, conseqüentemente, à educação.

Em 2000, o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) lançou um livro chamado de “O livro verde” para a sociedade da informação no Brasil. Este livro incentiva o crescente uso da informação disponível por parte da sociedade brasileira. Ainda tenta fazer com que o acesso à *internet* se popularize cada vez mais, pois acredita que quanto mais pessoas participarem da rede, mais essa se tornará variada e dinâmica. Tal livro também é favorável ao comércio eletrônico e a exploração de seus benefícios.

Fazer parte desta sociedade da informação significa ter acesso ao mesmo nível de informações que qualquer outra pessoa em qualquer outro lugar. Isso então proporciona a qualquer indivíduo integrante adquirir o conhecimento desejado sem se importar com as distâncias ou ter que se submeter às barreiras que um curso tradicional ofereceria.

A idéia de “democratização” da informação se faz necessária para dar sentido ao novo instrumento educacional, como se as “barreiras” para o acesso à educação fossem somente físicas. Nesse caso, temos um discurso que tenta se construir como uno, mas que se esburaca se colocado diante de outras formações discursivas sobre os problemas de acesso à rede eletrônica pela maioria da população: pelo menos 80% da população vivem “*off-line*”.

1.5 Os anos 2000 e a tecnologia por trás do EAD

Como visto anteriormente, a tecnologia por trás do EAD está baseada em se ter acesso a um computador. Com o grande número de pessoas que podem acessar a rede, o número de pessoas que também pode usar o EAD continua crescendo. Alguns centros usam a associação do aparelho de televisão com satélites, para enviar ou receber informação para grupos de pessoas, preocupando-se em facilitar o entendimento dos assuntos propostos e dar suporte educacional à sua audiência, garantindo assim que o usuário de tal sistema possa realmente adquirir o conhecimento proposto e fazer uso do mesmo em sua carreira profissional.

A fotografia digital é uma outra importante ferramenta que se tornou bastante popular nos meios de educação. Mesmo em livros, o uso de fotos digitais proporciona ao leitor ter contato com uma imagem de maior qualidade e ainda manipular esse tipo de arquivo. O

usuário tem acesso a um grande número de imagens mais rapidamente e ainda consegue armazená-las para posteriormente serem usadas em outros trabalhos e artigos.

Telefones celulares e o que se pode e se poderá fazer com estes aparelhos também está entre as ferramentas que já estão disponíveis para aqueles que querem melhorar ainda mais a eficácia do EAD. Esta tecnologia traz a possibilidade de se comunicar e trocar informações com um grande número de pessoas a qualquer hora do dia e em qualquer lugar simplesmente através de um aparelho de mão.

Todos estes equipamentos e suas utilidades tiveram um grande impacto na vida das pessoas. Podemos afirmar, sem medo de equívocos, que é a primeira vez que o homem tem a chance de manipular uma multiplicidade de informações e suportes concomitantemente.

Esse sujeito é um novo sujeito, um navegador, sem embarcação, seu caminho é de marinheiro errante, pois a possibilidade de mapeamento está minimizada, no caso do EAD, à página de acesso ao ambiente virtual. A topologia não é mais a da sala de aula, as ferramentas não são mais o giz a lousa e o caderno de anotações, a materialidade é outra. O livro não apresenta a fisicalidade de capítulos seqüenciais, os arquivos estão justapostos e permitem vários percursos de leitura em uma arquitetura de nós, de textos e rede de textos. Esse sujeito conta ainda com uma temporalidade e uma espacialidade diferente, pode ter acesso a aulas que já foram dadas, conversar com o professor em tempo real sem ocupar o mesmo espaço físico, sem ao menos conhecer pessoalmente esse professor. As informações ganham, então, uma transitoriedade diferente, um fluxo constante e simultâneo, fazendo surgir um outro sujeito-aluno e um outro sujeito-professor.

Para que o nível de absorção ou entendimento das informações possa ser aprimorado, é necessário que tais níveis sejam administrados de forma eficaz e isso exige o domínio da tecnologia disponível. Quanto melhor for a habilidade com esta tecnologia, melhor serão os benefícios adquiridos. O uso de vários equipamentos para acessar e armazenar e organizar as informações necessárias para se construir o conhecimento desejado juntamente com a assessoria por parte do tutor contribuem bastante para a motivação do aluno. Esta motivação, segundo o discurso oficial, é a chave que o EAD necessita para ser um sistema competente de aprendizagem. É preciso pontuar a competência fundamental que os sujeitos – alunos e professor – têm de ter para se conectarem a essa modalidade de ensino a distância informatizada.

Na verdade, esse discurso revela a habilidade em lidar com as possibilidades da rede, seu avanço tecnológico permite a fusão de equipamentos de comunicação (imagem, som,

texto, vídeo etc). Além de disponibilizar um instrumental multimidiático o EAD potencializa o caráter industrial da educação, visto que sua extensão passa a ser mundializada.

O uso das tecnologias pode mudar o papel na educação a distância, como diz Borges (1998, p. 56):

Se antes eram usadas para transmitir conhecimentos [...] agora as tecnologias *on-line*, fundem publicações e comunicações, criando um novo tipo de ambiente de estudo, as 'redes assíncronas de aprendizagem' (RAA). [...] Sendo fantástica a oportunidade de mudança que a educação a distância oferece à educação geral através das RAA [...] cada vez mais a EAD *on-line* se volta para ambientes orientados à pesquisa, nos quais estudantes trabalham colaborativamente e assumem responsabilidades mais ativas na coleta e uso de informações.

Norman & Stanford, (apud, Helberg *et al.*, 1997: 47), definem rede assíncronas a partir dos eixos de desenvolvimento das interações para o tempo, para o espaço e para o grupo na *Web*. Assim, é possível desenvolver a Tecnologia da Informação Educacional, de um lado, temos a sala de aula, onde aluno e professor compartilham um mesmo espaço e tempo, de outro, os alunos trabalham individualmente ou em grupo. Ou ainda, o aluno e o professor partilham um espaço *on-line* no mesmo tempo ou não.

1.6 Usuários *On-line* versus usuários *Off-line*

O suporte dado ao aluno pode ser dividido em dois tipos: o primeiro abrange aqueles que não têm acesso à *internet* e, portanto, podem usar o sistema de correios ou máquinas de fax para receber e enviar o material. O aluno ainda pode entrar em contato com o tutor através de telefone. Estes alunos possuem encontros presenciais com frequência determinada pela instituição. O segundo tipo abrange aqueles alunos que possuem acesso à *internet* e usam este mecanismo para receber e enviar informações, podendo ainda estabelecer uma relação com os outros alunos através de fóruns de discussão ou espaços reservados para a troca de recados entre os alunos e entre estes e o tutor.

Outra vantagem que o acesso à *internet* traz é que o aluno pode desenvolver as tarefas propostas em seu próprio computador, lendo o material recebido, discutindo com seus colegas *on-line*, realizando pesquisas na rede e, por fim, reenviar o material. Isso tudo sem o consumo de papel ou a necessidade de se deslocar para realizar tarefas distintas.

Neste Segundo caso, a interação do tutor com o aluno é maior devido ao mecanismo de comunicação ser mais rápido e interativo do que aquele no qual o aluno se comunica por correspondência não eletrônica com seu tutor.

Para que esta interlocução entre o tutor e o aluno se dê, é necessário um sistema mediador que deve ser dominado pelas duas partes. Uma vez matriculado na instituição o aluno recebe um *login* e um código que lhe darão acesso ao conteúdo do curso e também a chance de pertencer a um grupo com o mesmo interesse. O *e-mail* vai facilitar a troca de arquivos incluindo: vídeos, figuras, sons e textos. A informação é disponibilizada para um grande número de pessoas ao mesmo tempo, sem se considerar o nível de educação de cada participante (o ensino tradicional geralmente faz o mesmo), permitindo ao tutor padronizar o material a ser usado para a realização da disciplina.

A principal vantagem de se ter acesso à rede, é a troca de mensagens em tempo real, tanto com o tutor do curso quanto com os outros participantes. Fóruns de discussão permitem uma maior integração destas pessoas e, portanto, dão uma maior motivação para aquele aluno que necessita de maior atenção durante seu aprendizado. Também se pode ver uma maior liberdade de expressão, pois é o aluno que escolhe se vai ficar *on-line* ou *off-line* durante uma discussão, ou se quer que sua pergunta se torne pública ou não.

Já as videoconferências permitem um relacionamento em tempo real, no qual os alunos estão reunidos num mesmo ambiente integrando-se com os colegas de sala e não com a tela do monitor, a moldura de suas ações será a do tutor/professor.

É esperado que o uso destas ferramentas descritas acima possa trazer benefícios educacionais. As ferramentas de comunicação são usadas para apresentar a informação do professor/tutor para o aluno e vice-versa. O computador pode armazenar esta informação e conseqüentemente o aluno pode usá-la num dado momento desejado. A informação, uma vez armazenada, pode ser acessada a qualquer momento pelo aluno que tem a chance de decidir quando e onde estudar. Há, então, a sensação de que o professor/tutor encontra-se disponível sempre, assim como o conteúdo curricular.

Todo esse equipamento de multimídia permite criar uma realidade virtual que supriria a necessidade de um real encontro com o professor. A simulação deste tipo de interação pode ser uma grande motivação para a continuidade do curso já que também há a sensação de não se estar sozinho quando em fóruns de discussão. Essa nova relação levanta questões sobre o tempo e o espaço, sobre a distância e a proximidade. Temos um outro tipo de sociabilidade, que podemos chamar de tecnológica, já que é exclusivamente mediada por um aparato técnico que pretende suprir a necessidade da fisicalidade do professor e do aluno.

Supõe-se que este sujeito aluno seja disciplinado o bastante para completar o aprendizado do que lhe foi proposto. Esta disciplina é em parte garantida pelo constante

relacionamento com a instituição na troca de informações e no controle virtual e (em parte) presencial de suas atividades.

Constrói-se, então, uma nova relação entre sujeitos de um novo discurso sobre uma nova forma de educação, dados pela utilização de novas ferramentas e novas possibilidades de interlocução. A originalidade que se edifica no EAD retém uma memória discursiva sobre o que é ser professor, o que é ser aluno, o que é uma aula, são essas formações discursivas que permitem o aparecimento de novas posições-sujeito.

Sujeitos na rede

Pensar no ensino a distância é pensar em sujeitos conectados a essa rede mundial que transforma a relação tempo e espaço, que faz circular discursos fragmentados. Uma rede que, assim como o processo de aprendizagem, só funciona se estamos inseridos nela, uma rede com pontos de esburacamento e entrelaçamento.

A rede eletrônica permite localizar conteúdos e recorrer a fontes como sons e imagens fixas ou em movimento, os sujeitos têm acesso a um fluxo frenético de informações e a uma possibilidade ilimitada de interação, como afirma Roger Silverstone (2002), ao definir a rede mundial de computadores como uma *promessa (alguns diriam ameaça) de um mundo interativo em que tudo e todos podem ser acessados, instantaneamente*.

A encruzilhada da *internet* é paradoxal, como analisa Kucinski (2005), constitui um espaço no qual se manifesta a fragmentação ética e o individualismo, ao mesmo tempo em que é a poderosa ferramenta dos libertários, dos que não se resignaram ao triunfo do neoliberalismo. Resta-nos saber como os sujeitos estarão inseridos nesse universo contraditório, como a educação a distância irá se construir nessa nova “sala de aula”, que continua quadrada, mas que tem uma espacialidade hipertextual e uma localidade indefinida.

A rede eletrônica possibilita a rápida locomoção de um local a outro, os sujeitos atravessam paredes sem necessariamente abrir e fechar portas, a propagação do ensino *on-line* traz consigo indagações complexas a respeito do próprio conhecimento, da sua utilização e do seu impacto sociocultural.

Dentre as discussões apontadas sobre a rede e suas possibilidades fica uma questão para a educação a distância: como se posicionam os sujeitos (aluno e professor) diante da rede?

3. Aluno e professor: sujeitos de um discurso nas malhas do digital

Como já vimos, as novas tecnologias causam impacto em diferentes áreas. Os computadores e a *internet* criaram novas oportunidades, novas profissões, novas formas de trabalho que englobam mais gente a cada dia. Entre essas novas formas está incluída a educação a distância, algo que já conquistou espaço no mercado e que, a cada dia, abraça mais e mais adeptos.

O meio digital permitiu o surgimento dessa nova categoria de educação, o ensino a distância, que ganhou espaço até mesmo dentro das universidades convencionais. Hoje, pessoas de qualquer parte do Brasil podem interagir em cursos oferecidos em diferentes áreas estando em qualquer parte do mundo. Podem escolher como cortar cabelo, como montar uma empresa, como tocar um instrumento musical, até mesmo se pós-graduar. A falta de tempo acelerou o ritmo das pessoas, que tiveram que se adaptar aos moldes digitais rapidamente.

Recuperando os dados do Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância (Abraed, 2005), vemos que em 2004, pelo menos 1.137.908 de brasileiros se beneficiaram de algum curso de ensino a distância no país. Tais dados são resultado de pesquisa feita apenas com alunos de instituições oficialmente credenciadas com o número das seis maiores instituições que ofertam a modalidade: Sebrae (176.514 alunos), Fundação Roberto Marinho - Telecurso 2000 (393.442), Senai (10.305), Senac (37.973), Governo do Estado de São Paulo (132.223) e Telemar (77.494). Ainda segundo o levantamento, deste total de 1,1 milhão, 309.957 estavam matriculadas em cursos oferecidos por 166 entidades credenciadas, como universidades públicas e privadas que seguem uma regulamentação específica do poder público. Estes estudantes estão distribuídas pelo ensino fundamental, médio, seqüencial (curso superior de curta duração, normalmente de 2 anos), técnico (ensino médio profissionalizante), EJA (Educação de Jovens e Adultos), graduação, e pós latu sensu (especialização).

Vale lembrar que este levantamento não incluiu cursos livres como música e idiomas, por exemplo. A região sudeste educa 53% do total de alunos a distância do país, o equivalente a 163.887 estudantes. O Nordeste tem o segundo maior grupo, com 18,7% do total de alunos, seguido pela região Sul (17%).

Ao adentrarmos no ambiente educacional *on-line*, muita coisa nos parece diferente da modalidade que estamos acostumados e vivenciar. E realmente são diferentes, porém não menos eficazes. Os alunos e o professor geralmente não se conhecem pessoalmente, nem por foto; o modo de ler o conteúdo do curso passa a ser na tela e não mais no papel (embora alguns prefiram imprimir para ler); o modo como as aulas podem ser comentadas, como podemos dar vazão às nossas opiniões, mostrar nossos descontentamentos e criar discussões

agora são mais abertos do que em uma sala de aula comum, onde muitas vezes o aluno não consegue ou tem vergonha de se manifestar. Podemos tirar dúvidas a qualquer momento é só escrever um e-mail que, em breve será respondido pelo professor ou também por algum outro colega que possa contribuir com alguma experiência.

Um aluno interagindo *online* com um professor remoto pode se sentir mais próximo de seu mestre do que se estivesse assistindo a uma aula local expositiva, junto com uma centena de outros colegas, todos impossibilitados de interagir adequadamente com o professor ou entre si. Assim, não é medindo-se a distância espacial entre alunos e professores que se terá um parâmetro adequado de comparação. O que realmente importa é a sensação de distância percebida pelo aprendiz (TORI, s/d, *online*).

Essa sensação de distância tende a ser menor em cursos a distância já que esse contato torna-se mais rápido e com menos constrangimento. Às vezes, o que o aluno jamais perguntaria na sala de aula presencial por vergonha, ou por se achar menos inteligente que os demais, pode na aula *on-line* discutir tudo o que quiser. O aluno torna-se um sujeito potente, capaz de realizar ações que a fisicalidade da sala de aula não permitiria, que a identificação da relação interpessoal não possibilita. Alguns *sites* especializados em EAD disponibilizam depoimentos de seus alunos tratando dos benefícios desta modalidade educacional:

Enquanto lia as mensagens do fórum esta noite deparei-me lá pelas tantas com uma grata surpresa. Em todos os cursos que realizei nunca tive tantas informações sobre meus colegas, seus pensamentos, suas qualidades. Vejam só, o curso tem somente um mês e é incrível como já “conversei” com os colegas. Como diz meu filho, “altos papos”. Nem na mesa do bar da faculdade com a (maravilhosa) cervejinha, tinha aprofundado conversas como aqui ocorreu. Nunca estive tão próximo dos meus colegas de aula. PARABÉNS A TODOS e repito: Educação a DISTÂNCIA, DISTÂNCIA... QUE NADA!!!³

A comunicação entre os envolvidos é de suma importância para o melhor aproveitamento de conteúdo e principalmente de oportunidades. Já cursei uma faculdade presencial e posso afirmar que aprende muito mais com curso *on-line*, pois não basta ler as aulas, os exercícios avaliam o entendimento e a aplicabilidade do conteúdo. Você aprende mesmo, não decora!⁴

Diante desses enunciados perguntamo-nos: como se dá a construção da relação sujeito educador e sujeito educando no ensino a distância? Quais as condições de construção dessa relação? Que elementos compõem a interação virtual entre o ser o saber?

³ Depoimento de Luiz Fernando Bonn Henzel. Disponível em <http://209.85.165.104/search?q=cache:7pqQ1rMD3A8J:www.senacead.com.br/+depoimento+ead&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br>

⁴ Disponível em http://209.85.165.104/search?q=cache:YgGHUbdszekJ:www.guiaead.com.br/guiaead/palavra_dos_alunos.asp+d+epoimento+ead&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=2&gl=br

Se a linguagem é o discurso como percurso, mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social a fim de fazer deste um ser especial com capacidade de significar e significar-se (ORLANDI, 1999), é também por meio da relação homem-conhecimento que a linguagem significa.

A questão educacional no Brasil é tema que preocupa inúmeros segmentos da população no país. Um dos pressupostos para tal preocupação assenta-se na dificuldade das instituições de ensino atenderem à demanda do estudante contemporâneo.

Ávidos pelo conhecimento e bombardeados pelas novas tecnologias, o aprendiz percorre instituições educacionais públicas ou privadas preocupado com uma formação que atenda a seus anseios e também aos do mercado capitalista.

Nesse contexto, estudantes e instituições tentam interação utilizando metodologias diversificadas, desde as mais tradicionais até as mais arrojadas, incluindo dentre estas as mais novas tecnologias. A polêmica entre o antigo e o novo surge como transversalidade que se impõe sobre as vantagens e desvantagens de tais métodos.

Os sujeitos ganham novas ferramentas, mas continuam assujeitados por uma linguagem tão fluída quanto o mercado e tão veloz quanto o capital.

Referências Bibliográficas:

AMORIM, Antônio C. R. de. Quais os caminhos a trilhar na discussão da Tecnologia Educacional no Âmbito das escolas? **Revista Tecnologia Educacional**. Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 141, p.42-45, 1998.

ARETIO, G. **Conceitos e fundamentos de educação a distância**. 1998. Disponível em: <<http://www.eps.ufsc.br/disserta98/roser/cap2.htm>>. Acesso em: 18 abr.2006.

_____. **Educación a distancia hoy**. Madrid: UNED, 1994.

ASSIS, W.S.; BITTENCOURT, T. N.; MORONHA, M. **Desenvolvimento de recursos multimídia para o ensino de estruturas de concreto**. São Paulo: IBRACON, 2002.

BELLONI, Maria L. **Educação a Distância**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS INTERCHANGE ARCADE. Disponível em: <<http://www2.cambridge.org/interchange/arcade/main.do>>. Acesso em 20 jun. 2006.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 13-33.

CHAGAS, Elza Marisa Paiva de Figueiredo. **Os novos rumos das aulas tradicionais após o advento da Internet: apresentando algumas discussões**. *Tecnologia Educacional*.

2002/2003, anos XXX/XXXI, nº 159/160, p. 165-183.

CULTURA INGLESA. E-Campus. Disponível em: <<http://culturainglesasp.com.br/prospects/ecampus/index.isp>>. Acesso em 10.jun.2006.

EIGEN, Manfred. **O que restará da biologia do século XX?**. Em: Murphy, Michael P.; O'Neill, Luke A. J. **“O que é vida?” 50 anos depois, especulações sobre o futuro da biologia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP/Cambridge, 1997, p. 13.

ENGLISH TOWN. Disponível em: <http://www.englishtown.com.br/master/hp/> >. Acesso em 20 jun. 2006.

ENGLISH TOWN. Disponível em: <http://www.englishtown.com.br/master/hp/?lng=en> >. Acesso em 20 jun. 2006.

HELBERG, J., Brown, C., & ARRIGHI. Interactive Multimedia and Web-Based Learning: Similarities and Differences. In: B. H. Kahn. (Ed.), **Web-Based Instruction**. Englewood Cliffs, N. J.: Educational Technology Publications, 1997.

INGLÊS ON LINE. Disponível em: <<http://www.inglesonline.net/Site/>>. Acesso em 20 jun. 2006.

GUIA DE EDUCACÃO A DISTÂNCIA 2005. São Paulo: Segmento, 2005.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo na era virtual**. Ensaios sobre o colapso da razão ética. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo: Editora UNESP, 2005, p. 71.

LAMPERT, Ernani. **As interfaces entre a Internet e a educação**. *Tecnologia Educacional*. 2002/2003, anos XXX/XXXI, nº 159/160, p. 43-55.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Em: Pessis-Pasternak, Guitta. **A Ciência: Deus ou Diabo?** São Paulo: Editora UNESP, 2001, p. 145-154.

LITWIN, Edith (org). **Tecnologia Educacional: política, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LITTO, F. M. **Guia de Educação à Distância**. São Paulo: Segmento, 2005. p. 70-76.

MACHADO, Arlindo. **Fim do livro?**. *Estud. av.*, 1994, vol. 8, nº 21, p. 201-214. OPEN UNIVERSITY. History and Development. Disponível em: <<http://www.open.ac.uk>>. Acesso em 12 maio 2006.

MAGGIO, Mariana. O Campo da Tecnologia Educacional: Algumas Propostas para sua Reconceitualização. In: LITWIN, Edith. **Tecnologia Educacional: política, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ORLANDI, E. P. 1999. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes.

PÊCHEUX, M. 1997. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio** / Michel Pêcheux; trad. Eni Punccinelli Orlandi [et al]. 3ª edição. Campinas, SP: Editora UNICAMP.

PÊCHEUX, M. 2002. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Michel Pêcheux; trad. Eni Pinccinelli Orlandi. 3ª edição. Campinas, SP: Pontes.

RAMOS, G. 2001. **Angústia**. 53ª edição. SP. Record.

SAN DIEGO LANGUAGE SCHOOL. Web-Learning. Disponível em: <<http://sandiego.school.com.br/novo/>>. Acesso em 14 jun. 2006.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p.17.

TELECURSO 2000. **Dados sobre o Telecurso 2000**. Disponível em: <<http://www.telecurso2000.org.br/main.asp>>. Acesso em 20 junho 2006.

TORI, Romero. **Avaliando Distâncias na Educação**. Disponível em http://www2.abed.org.br/visualizaDocumento.asp?Documento_ID=23 Acesso em 20 de maio de 2007.

VALENTE, J.A. **Informática na educação: o computador auxiliando o processo de mudança na escola**. Disponível em <<http://www.nte-jgs.rct-sc.br/valente.htm>>. Acesso em 20 out. 2006.